

A coordenação de catequese numa perspectiva de sinodalidade eclesial

Luís Oliveira Freitas¹

Resumo: Na organização da catequese em qualquer contexto eclesial, faz-se necessária a existência de uma boa equipe de coordenação para organizar, integrar, animar, planejar e avaliar as ações do processo catequético realizadas na vida da comunidade de fé. Esta ação catequética deve ser conjunta e todos devem participar desse processo. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar a importância do ministério da coordenação catequética na perspectiva de uma Igreja sinodal, ou seja, numa caminhada em que haja profunda integração entre catequistas, comunidade e ministros ordenados, visando a novos jeitos eficazes do fazer catequese na realidade contemporânea. Para que isto aconteça concretamente, há necessidade de um caminho conjunto no qual todos, pela oração e reflexão, sejam capazes de escutar os apelos da comunidade e do próprio Deus, discerni-los à luz do Evangelho e lançar projetos evangelizadores naquela realidade específica tendo em vista o amadurecimento de fé de toda a comunidade eclesial. O aporte teórico que fundamentará a pesquisa serão os documentos eclesiais que versam tanto sobre a catequese no tocante ao ministério da coordenação, como os que tratam da sinodalidade como processo de comunhão, participação e missão.

Palavras-chave: Catequese. Ministério da coordenação. Sinodalidade. Igreja católica. Evangelho.

INTRODUÇÃO

Nosso contexto atual é marcado por profundas mudanças epocais em todos os âmbitos da sociedade. Vivemos numa realidade que apresenta fortes contradições, ou seja, ao mesmo tempo em que o ser humano construiu um grande aparato tecnológico que trouxe significativos benefícios à vida humana, sua ganância também acentuou a exclusão, visto que muita gente não consegue participar de forma ativa desse processo, nem usufrui desse grande desenvolvimento. E como se não fosse suficiente todas as dificuldades já existentes, ainda tivemos a tragédia global da Pandemia de Covid-19 que, ao mesmo tempo em que nos fez tomar mais consciência de que somos uma comunidade global, fez eclodir as desigualdades e as disparidades que já existiam em nossa sociedade.

É nesta realidade que a Igreja está inserida com sua ação evangelizadora, sua principal tarefa, a qual consiste em levar a boa notícia do Reino de Deus proclamado e realizado por Jesus Cristo por meio de seu anúncio, ensinamentos e sinais. O Papa Paulo VI, na *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, afirma que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio ou latitude, e pelo seu influxo transformá-las

¹ Doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral, pela PUC-Rio, mestre em Letras, pela Universidade Federal do Maranhão, bacharel em Teologia, pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão, licenciado em Letras, pela Universidade Federal do Maranhão. Contato: luis-freitas@uol.com.br

a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18). E de acordo com o Papa Francisco, na *Exortação Apostólica Evangelii gaudium*, a ação evangelizadora se dá em virtude do mandato missionário do Senhor, que nos envia a pregar o Evangelho em todos os tempos e lugares, a fim de que a mensagem salvífica seja estendida a toda a terra (EG 19). Francisco ainda expressa que essa ação deve acontecer num dinamismo de “saída” que exige que o cristão saia de sua própria comodidade e tenha a coragem de alcançar todas as periferias tanto sociais como existenciais que precisam ser iluminadas pelo Evangelho de Jesus (EG 20).

Esses tempos hodiernos clamam por uma nova evangelização para a transmissão da fé que, segundo o Papa Francisco, deve ocorrer nos âmbitos da ação pastoral para o crescimento dos crentes, das pessoas batizadas que não têm vivência eclesial e no âmbito daqueles que não conhecem Jesus ou que o recusaram (EG 14). Portanto, a nova evangelização não está voltada apenas para os não cristãos, como era compreendida no passado, mas para todos, inclusive para os membros participantes da comunidade de fé. Além disso, mesmo em regiões onde o Evangelho já foi implantado há tempos, muita gente se encontra fora desse processo precisando receber novamente um novo primeiro anúncio com novas formas e expressões.

A Igreja propõe que essa nova evangelização seja realizada num caminho sinodal, cujos evangelizados não sejam meros destinatários da mensagem, mas também se sintam sujeitos ao longo desse processo. Esta dinâmica de sinodalidade, que consiste num caminho conjunto de profunda escuta da realidade e da Palavra de Deus e, assim, não fica resumida a apenas celebração de encontros eclesiais e assembleias de bispos, ou ainda administração da Igreja, mas é um novo modo de viver e fazer de toda a Igreja. Ela acontece quando se caminha juntos, na reunião da assembleia, na participação ativa de todos os membros na ação evangelizadora e pastoral.

A missão de evangelizar apresenta sempre um duplo objetivo: por um lado, exige a mudança interior de cada ser humano convertido, por outro, convida-o a ser agente de transformação da realidade social e cultural em que vive segundo os critérios evangélicos. A catequese se situa no contexto da ação evangelizadora constituindo-se como seu segundo momento, precedida pelo querigma ou ação missionária e formando o cristão para o seu testemunho pastoral e vivencial na comunidade de fé. Vale observar que esses momentos não são realidades estanques, visto que estão em profundo diálogo entre si, numa comunhão e participação, tornando-se difícil determinar onde um termina e começa o outro.

Este ensaio de caráter bibliográfico tem o objetivo de tratar de forma sucinta sobre um importante serviço desenvolvido na catequese que é o de sua coordenação. É praticamente um ministério que existe nas nossas dioceses e paróquias com a finalidade de cuidar da vida catequética no seio da evangelização, sobretudo, no cuidado especial com a educação da fé em vista da maturidade cristã. Trata-se de um serviço desenvolvido por uma equipe de catequistas que deve estar em profunda sintonia com toda comunidade eclesial e com os segmentos de pastoral nela existentes. No interior da coordenação deve haver uma espiritualidade da escuta ativa, a fim de que sejam geradas verdadeiras atitudes de acolhimento e alteridade

capazes de gerar diálogo humanizador. Nesse sentido, o teólogo Ademilson Quirino ressalta que a escuta ativa consiste em “um processo de interação tal que o emissor se sente acolhido pela atenção do receptor. A escuta ativa estimula as pessoas a ouvir mais o outro, provoca emoção, facilita o entendimento, ameniza conflitos, gera reciprocidade e comprometimento” (QUIRINO, 2022, p. 36). Esta atitude de escuta é uma das principais características que deve ser cultivada numa coordenação catequética numa perspectiva de sinodalidade eclesial.

1 A COORDENAÇÃO DE CATEQUESE

A ação catequética precisa se realizar numa dinâmica de comunhão e participação, num caminho conjunto que seja capaz de envolver toda a comunidade eclesial com seus ministérios e segmentos a fim de que possam de fato atingir as mais diferentes realidades sociais e existenciais. A catequese, nesse contexto, além de se preocupar com o conteúdo da mensagem a ser anunciada, necessita de certa organização “que partindo da ordem nacional e diocesana, chegue às distantes comunidades primárias” (Med 8,13). Nesta organização, é imprescindível a existência de uma equipe de coordenação para planejar as diversas ações a serem realizadas, bem como ser uma referência dessa dimensão evangelizadora na comunidade eclesial, além de estabelecer relações com os outros segmentos pastorais.

O atual *Diretório para a catequese* (DC) expressa que o primeiro responsável pela ação catequética na diocese é o bispo, cuja função consiste em promover todos os recursos necessários para o bom êxito da catequese. No entanto, ele não fará isso sozinho, mas conta com a colaboração de uma equipe de coordenadores diocesanos como também de especialistas em teologia, em catequese e dos centros de formação e pesquisa catequética (DC 114). No âmbito paroquial, o primeiro a ter essa responsabilidade é o presbítero que deve animar, coordenar e dirigir toda a atividade catequética de acordo com as orientações diocesanas. Isso não pode ser feito de forma isolada, mas em comum acordo com uma equipe paroquial de coordenação constituída, sobretudo, pelos catequistas para que juntos possam fazer análise do processo, planejar bem e fazer acontecer as ações catequéticas cuja finalidade é propiciar o crescimento de todos rumo à maturidade de fé (DC 115). O documento ainda reitera que os diáconos e os religiosos consagrados devem dar sua contribuição nessa missão da educação da fé participando ativamente de todo o processo.

Segundo o *Diretório Geral para a Catequese* (DGC), a coordenação de catequese apresenta dupla dimensão: estratégica ou técnica, voltada para a organização em si, visando à eficácia da ação evangelizadora, e a dimensão teológica, que visa à unidade da fé (DGC 272). Por isso, é importante que a coordenação também tenha uma atitude de duplo processo de escuta, isto é, do ponto de vista técnico, escutar os apelos da realidade do povo com seus avanços e desafios a fim de poder planejar melhor as ações práticas a serem desenvolvidas; e do ponto de vista teológico, escutar a Palavra de Deus, por meio da reflexão bíblica, meditação, oração e celebração litúrgica para discernir bem os desígnios do Espírito Santo na missão da transmissão da fé.

É preciso entender sempre a palavra ‘coordenação’ a partir de sua origem ‘*co-ordinatione*’, que tem o significado de dispor certa ordem ou método, organizar o conjunto, pôr em ordem o desconjunto. Trata-se de uma cooperação, uma ação em que haja a responsabilidade de todos os envolvidos. A coordenação de catequese tem a tarefa de unir os esforços a partir dos objetivos estabelecidos e das atividades propostas a fim de que sejam evitadas ações paralelas ou de isolamento que possam trazer algum prejuízo da atividade catequética. A coordenação tem como meta a criação de relações fraternas para que todos possam participar com responsabilidade das ações planejadas e, desse modo, tornar eficaz a caminhada da catequese nos âmbitos diocesano, paroquial e comunitário.

O *Diretório Nacional de Catequese* (DNC) expressa que “a coordenação é uma ‘co-operação’, uma ação em conjunto, de corresponsabilidade conforme os diversos ministérios” (DNC, 314). Ao exercer esse serviço na catequese, as relações fraternas se expandem e há favorecimento para o crescimento da pessoa que fica mais aberta ao diálogo, à escuta do outro, à partilha de vida e ao compromisso com a evangelização por meio do seu próprio testemunho. A coordenação deixa de ser uma simples função necessária a qualquer grupo ou empresa que visa à produtividade, mas torna-se missão que brota da vocação batismal do cristão cujo objetivo é articular os membros da comunidade (DNC 316-317).

2 A COORDENAÇÃO DE CATEQUESE EM PERSPECTIVA SINODAL

Já no Antigo Testamento das Sagradas Escrituras, há muitos exemplos que podem iluminar a arte de coordenar nossa ação evangelizadora. Na perícopes de Êxodo 18,1-27, temos a figura de Jetro, sogro de Moisés, que presencia o genro bastante atarefado no atendimento ao povo que o procurava para resolver seus problemas e buscar conselhos. Jetro observou que tanto Moisés como o povo poderiam acabar esgotados caso continuassem com aquela mesma prática, além de concentrar todas as funções e decisões em uma única pessoa. Diante disso, o sogro aconselha o genro uma descentralização do poder por meio da organização de grupos menores com seu líder próprio, a fim de resolverem os problemas menores, levando a Moisés somente aqueles casos mais complexos. A organização em grupos menores não apenas traria mais conforto a Moisés e ao povo, como possibilitaria maior participação e corresponsabilidade de todos, além do fato de suscitar novas lideranças, que certamente formavam uma equipe de coordenação cuja função consistia em dirigir o povo nos caminhos de Deus. Moisés não apenas escutou o conselho do sogro e o pôs em prática, como certamente aprendeu que a missão de um líder de um grupo deve acontecer sempre de forma descentralizada e dialogal, num caminhar juntos.

Outra perícopes do Antigo Testamento que não podemos deixar de mencionar e que pode trazer luzes para nós hoje, é a de Josué 24,1-28, a qual trata da assembleia que aconteceu em Siquém cujo objetivo era firmar a confederação das tribos de Israel e renovar a Aliança com o Senhor. No início da narrativa, percebemos que lá se encontravam as lideranças do povo, os anciãos, os chefes, os juizes e intendentess, ou seja, aqueles que tinham a missão de conduzir e coordenar as tribos. Antes de firmarem o acordo entre si e a aliança com Javé, foi

preciso ouvir a narrativa dos principais fatos da história de Israel, desde Abraão, passando por Moisés, Aarão, o período do deserto, as lutas da conquista até aquele momento em que já estavam de posse da terra. Todos escutaram atentamente a proclamação dos fatos ocorridos no passado contados por Josué e no final respondem que querem se manter fiéis ao Senhor e abandonar os falsos deuses. Para realizarem o acordo entre as doze tribos, aquela equipe de coordenação das diversas tribos primeiramente teve uma atitude de escuta a fim de poder ter bom discernimento sobre as ações a serem tomadas num caminho conjunto.

Além desses dois exemplos que podemos encontrar no Antigo Testamento, e ainda há muitos outros, o *Diretório Nacional de Catequese* pontua que quem nos inspira hoje na arte de coordenar é o próprio Jesus, que não quis realizar a missão sozinho, mas se fez cercar de um grupo (DNC 314), com o qual constituiu uma comunidade, na verdade, uma nova família. Esses discípulos, que seriam os futuros animadores da comunidade cristã após a ressurreição, estavam o tempo todo com o mestre Jesus escutando sua mensagem do Reino de Deus seja por meio de discursos, seja por meio de parábolas e fatos concretos da vida. Eles certamente aprenderam do nosso grande mestre que a mensagem da Boa Nova do Reino deve ser feita numa vivência comunitária em que todos além de se colocarem a serviço, acolham uns aos outros. Desse modo, aprendemos que o ministério da coordenação e animação precisa ser construído a partir dos laços de amizade entre os seus componentes, os vínculos de caridade entre as pessoas para daí conquistar a confiança recíproca e a delegação de responsabilidades.

Assim, podemos afirmar que nosso modelo de coordenador é o próprio Jesus Cristo, que nos inspira nesse ministério tão importante, visto que ele sempre se recusou a agir como os chefes das nações que são dominadores, mas colocou-se na posição de alguém que veio para servir e ainda ordenou que “quem quiser ser o maior, no meio de vós, seja aquele que vos serve” (Mt 20,26). Jesus é o bom pastor que chama suas ovelhas pelo nome, elas escutam sua voz e o seguem porque confiam nele (Jo 10, 1-10). Assim também, a coordenação de catequese deve conhecer bem os membros da comunidade, sobretudo, os catequistas com quem convive para dar-lhes orientações seguras, encorajá-los à participação ativa, levando cada um a se tornar um pastor para seus catequizandos.

Não basta apenas conquistar a amizade da comunidade, é preciso estar a serviço dela e, nesse sentido, a perícopes de João 13,1-15, na qual Jesus, na condição de líder do grupo que lava os pés dos seus discípulos, nos ensina que na comunidade cristã não deve haver dominação de uns sobre os outros, mas quem tem algum cargo de chefia, deve colocar seus dons a serviço de todos, do mesmo modo como ele fez nesse gesto tão significativo, pois para lavar os pés de outra pessoa, é preciso que haja atitude de humildade por parte de quem executa tal ato. Além disso, o serviço prestado só apresenta valor se partir das necessidades concretas da comunidade, que podem ser percebidas num processo intenso de escuta por parte dos agentes de pastoral.

Esse ensinamento de Jesus sobre o serviço que cada um de nós pode exercer na comunidade também precisa ser aplicado no ministério da coordenação de catequese, de forma

que quem está assumindo a função de coordenar essa ação evangelizadora, deve fazer isso com humildade, simplicidade, promovendo sempre a igualdade entre todos a fim de que não haja distâncias entre os membros do grupo. O gesto do lava-pés, além de acentuar a humildade de quem coordena um segmento de evangelização, também revela uma atitude de acolhida, escuta, carinho, respeito, dedicação e participação de todos na comunidade de fé.

Numa dinâmica de Igreja sinodal, o ministério da coordenação de catequese precisa também ser interpelado a fim de que sua missão se torne mais eficaz. Nesse sentido, não deve se esquecer de, em primeiro lugar, escutar tanto os desígnios do Espírito Santo como os clamores da comunidade local, ou seja, conhecer mais a vida do povo, suas dificuldades e anseios, sua prática religiosa, suas expressões culturais. A coordenação deve ter a mesma atitude de Jesus ao caminhar com os discípulos de Emaús, que iam tristes, desesperançosos a ponto de não verem nenhuma saída para seus problemas. Jesus se aproxima, dialoga com eles, escuta suas queixas e lamúrias e só a partir dessa escuta, traz os episódios bíblicos da história de Israel para iluminar aquela triste realidade e quando os corações já estão aquecidos, parte o pão junto com os discípulos. Nisso, seus olhos se abrem e eles não somente reconheceram o Mestre, como voltaram para a comunidade de onde estavam fugindo. Segundo Ademilson Quirino, o evangelista Lucas deixa claro que os olhos dos discípulos se abrem porque foram capazes de escutar a Palavra com atenção e demonstraram atitude de hospitalidade para com Jesus ressuscitado. Isso nos ensina hoje que para reconhecermos Jesus, é preciso escutar sua Palavra e partir o pão em comunidade (QUIRINO, 2022, p. 104).

Assim também a coordenação de catequese de nossas comunidades diocesanas e paroquiais precisa escutar a realidade em todos os seus aspectos e levar isso para o debate interno da equipe, lançar luzes sobre ela num processo de discernimento para assim poder elaborar um projeto de intervenção com propostas viáveis e seguras que contribuam no avanço da ação evangelizadora.

CONCLUSÃO

A atitude de sinodalidade na coordenação não deve ficar limitada a ações pontuais, mas deve ser algo constante que se manifesta ao longo de toda a ação catequética. A partir da escuta, a coordenação deve assumir atitudes de como exercer melhor o acolhimento de catequistas e catequizandos, como planejar as ações em conjunto com todos a fim de que se sintam sujeitos do processo catequético numa verdadeira atitude de participação, como realizar a formação dos catequistas em vista de uma catequese evangelizadora que de fato seja uma verdadeira iniciação à vida cristã, deve pensar ações que envolvam as famílias dos catequizandos visando a uma catequese de vivência familiar, além de interagir com os outros segmentos pastorais da comunidade, de modo particular, com os mais afins como Pastoral Litúrgica, Pastoral Familiar, Pastoral de Juventude. A equipe de coordenação jamais deve se esquecer que sua principal missão é estar a serviço de todos para que ninguém seja excluído das decisões tomadas e realizadas.

Com certeza já há muitos sinais positivos em nossas coordenações catequéticas, que procuram agir a partir da escuta da realidade e dos apelos do Espírito Santo. No entanto, ainda há um caminho a percorrer para que ela de fato assuma um rosto mais sinodal por meio da comunhão e participação dos catequistas e da comunidade de fé em vista da missão evangelizadora da Igreja. Ao se colocar em constante atitude de escuta da realidade e da Palavra de Deus, a equipe de coordenação com certeza poderá ajudar ainda mais os catequistas e a comunidade a se colocarem também à escuta da vontade do Pai para discernirem sob a orientação do Espírito Santo o projeto do Reino de fraternidade, justiça e misericórdia pregado por Jesus.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Tradução oficial da CNBB. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório geral para a catequese*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2015.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. Tradução de João Vítor Gonzaga Moura. São Paulo: Paulus, 2020.

QUIRINO, Ademilson Tadeu. *Teologia da escuta: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã*. 2022, 387f. Tese (Doutorado em Teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, Rio de Janeiro, 2022.